

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DE

ENTREVISTADO: RENÉE SIMAS

ENTREVISTADORES: WANDA COZETTI E VERA CATALÃO

DATA: 07.11.89

CONTINUAÇÃO

...então, os professores foram submetidos a uma avaliação pela direção... (ENTREV.: DEPOIS DO PRIMEIRO SEMESTRE?) - ...no segundo, no final do ano; submetidos a uma avaliação com critérios que não ficaram claros para ninguém. E do grupo inicial, 10 professores foram dispensados, com as alegações, as mais absurdas possíveis, de não terem espírito de grupo, não terem se ajustado, por desajustamento emocional. Ou seja, o problema que eles mesmos geraram e obrigaram a uma participação e uma união dos professores em torno de reivindicações básicas, acabou gerando isso. E a análise que se fez na época (isso foi feito durante as férias, quando muitos professores estavam viajando). Então, nós ficamos sabendo também disso nas férias. Bom, quando voltamos, houve assim, uma união em torno do problema e nisso já havia mudado o governo; já tinha saído o Juscelino e já havia tomado posse o Jânio Quadros. E o prefeito da cidade, naquela época Brasília tinha prefeito... (ENTREV.: ERA QUEM?) - ...Paulo de Tarso, que antes de se empossar, ele já tinha se reunido com os professores. Ele tinha uma proposta cultural bastante interessante para a cidade e que foi o que nos permitiu continuar a briga pela promessa e o cumprimento das casas e em defesa dos professores que tinham sido aliçados do processo. Esses professores, acabaram ficando na prefeitura, sendo... (ENTREV.: APROVEITADOS?) -

~~reaproveitados na prefeitura cada um dentro de sua função~~

RESP.: É: a minha leitura é exatamente a mesma que eu faço de 64 . São as formas, só que a primeira foi uma forma velada e a segunda uma forma clara. Toda vez que há uma organização e que o coletivo entende e cria motivações para não reivindicar individualmente, mas sim, se posicionar como classe e como grupo, a elite dominante racha. Então, era claro que havia essa intenção de enfraquecer o grupo que ficasse, pensando: bom , agora amedrontados e sabendo que eles são vigiados, eles vão ficar quietos!

PERG.: ISSO, EM PLENA VIGÊNCIA DO JUSCELINO, QUEM ERA? AINDA ERA O ISRAEL PINHEIRO TAMBÉM AQUI NA DIREÇÃO?

RESP.: Era, era! mas nós éramos ligados diretamente, nessa primeira fase, ao Ministério da Educação e Cultura.

PERG.: E QUEM ERA O MINISTRO?

RESP.: Olha, o ministro... eu, se insistir, assim, um pouquinho, daqui a pouco eu sei quem era o ministro. Mas acabou ficando muito ligado à direção realmente do sistema educacional, próxima... (ENTREV.: QUEM ERA?) - que era: Armando Hildebrand, Um belindo de Sousa, Aparício, que agora está me fugindo e sobre nome do Aparício, que inclusive acabou morrendo num desastre de automóvel. Então, era a cúpula assim, mais ligada. E o diretor da escola, que participou também dessa avaliação, era o professor Sáber de Abreu.

PERG.: E ESSE, ERA O DIRETOR?

RESP.: É: do CASEB. E com a conivência sempre de professores; óbvio, nessa própria avaliação, participaram professores. Agora, ninguém era contra a avaliação, claro! eu acho que é uma das coisas que você pode e deve acontecer sempre, em qualquer sistema educacional ou qualquer coisa, que se pare, se reflita e que se avalie. Só que essas coisas devem ser claras, objetivas e abertas. Então, se a pessoa foi avaliada... (ENTREV.: PROFISIONALMENTE?) - ...profissionalmente. Ele deve ter acesso a essa avaliação e à discussão e até à defesa de algum ponto. E isso não foi feito. Foi uma coisa assim, secreta, sumária e ninguém sabia exatamente, porque era e nós sentimos, nós da associação'

de professores, que já existia, sentimos perfeitamente. Só que isso, invés de diminuir a capacidade de luta, fortaleceu.

PERG.: ESSAS PESSOAS ERAM TODAS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO?

RESP.: Olha, em princípio, eram todos da associação de professores.

PERG.: ERAM MEMBROS ATIVOS?

RESP.: Não! não era a cúpula da associação; na época, não era: não era a cúpula da associação; a cúpula da associação, dançou mesmo foi em 64. Não era a cúpula da associação; tinha alguns, mas não foi assim... (ENTREV.: TODA A DIREÇÃO?) - ...inteira! é! em 64 sim, foi a associação inteira, mas em...

PERG.: QUEM ERA A CÚPULA DA ASSOCIAÇÃO DA ÉPOCA? E QUEM ORGANIZOU A PRIMEIRA DIREÇÃO, VOCÊ SE LEMBRA?

RESP.: Na época? olha, a cúpula da associação era... olha, lembro, mas foi assim, as coisas foram fluindo naturalmente, compreendendo? então, quando se fez a eleição para a primeira diretoria, saiu assim, das lideranças naturais que apareciam nas reuniões. Não foi uma coisa assim, que... sabe? era um que trouxe um dado, outro que trouxe o outro. E o primeiro diretor da associação, foi o professor Mário Coutinho, Mário Sebastião "Coutinho". E os professores participavam. Eu participava na parte cultural, tinha outro que participava... ainda não tinha "uma estrutura muito complexa, era uma coisa bem inicial, mas já que...

PERG.: TINHA OBJETIVOS CLAROS?

RESP.: Tinha objetivos claros de união, de organização e de defesa dos interesses educacionais e de classe, não é? de cumprimento das propostas. Era essa a idéia. Não era de combate a nada, era de defesa e de preservação do que a gente acreditava de como estava sendo encaminhado o ensino. A gente queria preservar uma proposta de continuidade desse ensino. Então, essas pessoas então, em 61, essas pessoas já ficaram... (ENTREV.: FORA?) - ...é! do ensino. Mas na gestão já do Paulo de Tarso, que por sorte realmente era alguém que deu força e compreendia, apesar da mudança de governo. E foi junto a ele também,

que a associação de professores, conseguiu que fosse cumprido

professores.

PERG.: E NÃO FOI PACÍFICA, NÃO É? TEVE AQUELA INVASÃO...

RESP.: Não! a invasão são as casas de BNDES; são as seguintes, são " outras...

PERG.: A DA CAIXA ECONÔMICA. ERAM QUE FICAVA AONDE?

RESP.: Ficam aonde eu morei até hoje, na 708 sul. Foi a única, eu acho, que entregue assim, oficial de moradia para professores, foi essa.

PERG.: DE TODOS ESSES PRIMEIROS DO CASEB, OS PRIMEIROS CONCURSADOS, TODOS RECEBERAM CASA, EM 61?

RESP.: É! de todos os primeiros; todos. É! foi em 61, em maio de 61.

PERG.: DAVA PARA VOCÊ AGORA TRAÇAR UM QUADRO PARA A GENTE, DIGAMOS, UMAS COISAS ASSIM, MAIS ESPECÍFICAS? DAVA PARA VOCÊ NOS DAR UM QUADRO DE... SE HÁ UMA CONTINUIDADE, UMA EVOLUÇÃO CRESCENTE NISSO ATÉ 64? QUAL ERA O PERFIL DA CLIENTELA QUE IA A ESSAS ESCOLAS, PARA AS ESCOLAS PÚBLICAS DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU?

de um modo geral, a faixa etária era a faixa normal. A turma "A" de crianças de 11 anos; "A" e "B" de 11 anos, depois tinha a "B, C, D e E". Então, ia aumentando aí, conforme a lotação de uma turma, ia passando para outra. Eu me lembro bem, que a turma "F", era a turma dos mais velhos. E cada turma tinha o seu orientador, professor orientador. Essa turma "F", que era a mais complicada, por justamente ser a faixa etária desenhada para a primeira série ginásial, o orientador era o professor Eduardo Jobim, que conseguia levar assim. Então, dependia muito também de... (ENTREV.: O APROVEITAMENTO ESCOLAR ENTÃO, ERA BASTANTE BOM?) - ...era bastante bom, era bastante bom! eu não acho que seja saudosismo não, porque eu reencontro alunos da época do Elefante Branco e da CASEB mesmo; e eles têm assim, vive na memória, a experiência que eles passaram na escola.

PERG.: TEVE EVASÃO? ASSIM, SAIU DA ESCOLA SEM COMPLETAR O PRIMEIRO GRAU?

RESP.: Não! não tinha. A não ser quando volta com a mudança do governo, alguns tinham vindo e voltaram, claro! isso teve, não é? a equipe do Juscelino foi substituída por equipes de Jânio Quadros. Então, tiveram alunos que...

PERG.: ESSA EVASÃO, NÃO ERA BEM EVASÃO, ERA INTERRUÇÃO DOS ESTUDOS, SE DÁ MAIS EM 67 E 68, PORQUE AÍ OS SECUNDARISTAS E OS UNIVERSITÁRIOS, COMEÇAM A ENTRAR NUMA POLÍTICA (INAUDÍVEL)...
E O ENSINO NOTURNO, QUANDO COMEÇA?

RESP.: O ensino noturno começa, eu acredito, que já em 61 ou 62 começa o ensino noturno; eu creio que sim. Aí, nós passamos para o Elefante Branco, com o mesmo sistema de horário integral. E aí, o Elefante Branco... porque na CASEB tinha os grupos por áreas, mas não chegavam a se constituir em departamentos; quer dizer, eram equipes: equipe de desenho, equipe de história, equipe de línguas, equipe disso, equipe daquilo. O Elefante não, o Elefante já, é como eu disse, colegiado. Então, eram departamentos que formavam a direção da escola. E esses departamentos, cada um foi se estruturando e eram discutidos com representação de alunos e levamos essa experiência, que foi

num crescimento mesmo de experimentação, até abril de 64. Agora, nesse período, em que ao mesmo tempo se fazia, que se crescia, do ponto de vista educacional, é claro que os problemas da cidade por ser uma cidade nova, sem infra-estrutura e no volume que foram crescendo o número de professores e número de funcionários, porque essa problemática, em relação aos professores, é claro que era ainda mais grave em relação aos funcionários. Então, a associação foi se fortalecendo; foi se fortalecendo e que, também, uma coisa que ficou muito dúbia desde o início, a própria constituição. Existia um sistema educacional, que foi criado pelo Ministério da Educação, que deveria se extinguir. E já tinha sido criado as fundações. Brasília tinha essa cópia americana, das fundações, que não tinham verbas próprias. Então, as fundações viviam e sobreviviam do próprio governo, até hoje. E nós, a associação de professores, não entendia que isso pudesse funcionar dessa maneira; e não só os professores, mas como os outros: da saúde; quer dizer: a saúde, a educação entendiam que isso deveria ser público e gratuito, que era essa a idéia. E aí se começou durante muito tempo, que foi a motivação assim, grande da cidade e a mobilização maior em torno da municipalização do ensino público de Brasília. E foi quando se conseguiu realmente uma lei, em que em 63 passaram todos para o ensino público de Brasília. Mas como as fundações existiam, o que aconteceu é o seguinte, nós fomos municipalizados, pertencíamos à prefeitura do DF e éramos, ao mesmo tempo, cedidos à Fundação Educacional; quer dizer, prestávamos serviços na Fundação Educacional, mas éramos funcionários da prefeitura do DF. (ENTREV.: É O ESTATUTÁRIO, NÃO É, O REGIME?) - É! e, ao mesmo tempo, à fundação. E aí, só poderiam ser concursados. E, ao mesmo tempo, a fundação poderia ter contratos de trabalho, que é o que é mais ou menos o que... (ENTREV.: PASSOU A IMPERAR?) - ...acontece. Só que depois, com um tempo, isso ficou muito maior e os estatutários viraram uma minoria e os celetistas a maioria. Mas aí, foi toda uma política governamental a partir de 64, que tentava muito mais para privatizar, do que tornar público. Foi acentuado isso. Então, até 64, quer dizer, a luta maior foi

essa da municipalização do ensino, foi uma vitória, uma conquista. E a associação era muito fortalecida com a participação, as assembleias eram bastante concorridas e já estava se pedindo a transformação da associação em sindicato, quando a associação foi cassado todo mundo e aí foi considerado ilegal. Nós tínhamos uma sede já própria. Por aí ver... (ENTREV.: AONDE ERA?) - ...era ali, na rua da COBAL; era uma loja que nós tínhamos comprado da Caixa Econômica, mas não tivemos condições de, não sei. Honestamente é uma coisa que eu nunca soube o que é que aconteceu com a loja, que era da associação de professores. Não sei. (ENTREV.: COMPRADA?) - Era comprada: os professores pagavam a associação de professores, ela era regulamentada e tinha uma grande...

PERG.: QUAIS AS OUTRAS LUTAS, ALÉM DESSAS REIVINDICAÇÕES? VOCÊS ENTAVAM TAMBÉM NO PROBLEMA DAS DIRETRIZES E BASES DE EDUCAÇÃO? COMO É QUE FICOU AQUILO? É NESSA ÉPOCA QUE TEM O MEC-USAID QUE HAVIA AQUELA LUTA, PELO MENOS OS ESTUDANTES CONTRA? É NESTA MESMA ÉPOCA TAMBÉM?

RESP.: Nós, no princípio, não ficava claro; quer dizer, a não ser essa problemática da discussão entre o que era fundação privada e o que era o público, a tônica básica era essa realmente, em relação à saúde, em relação à educação, em relação à moradia. Isso era a infra mínima que era a reivindicação de todos e todos que haviam até chegado antes, como havia os funcionários da NOVACAP que estavam aqui em Brasília, antes dos professores; antes de qualquer coisa, porque eles é que fizeram a construção. E todos se sentiam nas mesmas condições, entendeu? quer dizer, haviam promessas não cumpridas.

PERG.: ALÉM DESSAS PRIMEIRAS GREVES QUE VOCÊS FIZERAM (INAUDÍVEL) QUE MOTIVOU ÀQUELA EXCLUSÃO DOS 10, VOCÊ SE LEMBRA DE OUTRAS LUTAS QUE VOCÊS TENHAM ORGANIZADO? HOUVE MAIS ALGUMA PARADA?

RESP.: Não! a primeira do primeiro ano, além de muito trabalho, foi essa realmente, era o problema fundamental, era da moradia. E era uma luta assim, bem firme. Era um problema de respeito à dignidade do professor, compreende? era essa a temática mesmo. Já que, se havia uma dedicação exclusiva, que ele tivesse um mínimo de condições de sobrevivência para poder realmente ge -

rir a... (ENTREV.: ENTÃO NÃO HOUE OUTRAS PARADAS?) - ...não! não! essas, foram três, mais ou menos, seguidas e que terminaram com essa intervenção do próprio presidente da época e com essa promessa que, pelo menos, esperamos que... quer dizer, acreditamos que fosse cumprida; e como não estavam prontas, a gente tinha que esperar realmente as casas ficarem prontas na 708.

PERG.: RENÉE, EU QUERIA SABER DE VOCÊ, QUE NESSE MOMENTO, MAIS OU MENOS, EM 62 (INAUDÍVEL) ENTROU O GOVERNO JOÃO GOULART SEDIADO AQUI E EM TODO O PAÍS HÁ UM SURGIMENTO DAS LUTAS POPULARES DE PROLETÁRIOS, CAMPONESES E TUDO MAIS E COM ISSO VOCÊ TINHA, NÃO SEI, NO TRABALHO NA EDUCAÇÃO AQUI, NO TRABALHO DE VOCÊS, COMO NA PRÓPRIA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES, COMO ISSO REFLETIA?

RESP.: Olha, você sabe muito bem, por exemplo, que toda luta associativa, não é uma luta individual. Então, a associação de professores não podia ficar indiferente. Ela era legalista. Então, nós participamos ativamente da campanha da legalidade, outro, que era a posse de Jango. Realmente isso era uma... isso e a escola, a escola era muito viva; a escola realmente era o que se pode chamar de: Escola Viva. Então, havia muito debate, havia muita discussão. O departamento de estudos sociais, era um departamento vivo e atuante. Então, os problemas eram discutidos, eram bastante discutidos. E você sabe que na época, em 63, foi que começou no próprio MEC, a campanha da alfabetização e a instalação do método Paulo Freire, as idéias de Paulo Freire, o Paulo Freire vindo. Então, começaram a surgir cursos de preparação para a alfabetização, campanha de alfabetização e a associação participava ativamente.

PERG.: E FOI IMPLANTADO AQUI EM BRASÍLIA?

RESP.: Começamos a implantar o sistema Paulo Freire.

PERG.: PRIMEIRO EXPERIMENTALMENTE, DEPOIS OFICIALMENTE?

RESP.: É! não! começamos a alfabetizar, porque ele tinha uma teoria que justificava todo o método e começou a ser implantado. Eu cheguei a trabalhar no sistema Paulo Freire, ia ficar na parte cultural. Eu sempre tentava aproveitar a bagagem que a gen

te já tinha de ficar na parte cultural. A parte cultural se-
ria a memória e o acervo cultural do próprio povo. Então, co-
mo Brasília era, tinham vindo pessoas de todas as regiões e os
analfabetos, eles traziam toda a riqueza; e é esse que é o
princípio do método Paulo Freire, que as pessoas têm toda uma
riqueza de conhecimento. Se eles não dominam os símbolos, mas
eles têm a própria cultura. Então, era nesse sentido de você
ter, num resgate visual e oral do que eles tinham. E era em
cima disso que você trabalhava. Por exemplo, os professores...
(ENTREV.: SÓ UM MOMENTINHO! ENTÃO, COM ISSO VOCÊ SE ORGANIZOU
TAMBÉM DENTRO DO CPC, QUE ERA O CENTRO POPULAR DE CULTURA?) -
é! a gente trabalhava; isso era uma coisa geral, sabe? isso
era muito mais geral, porque o CPC... (ENTREV.: ESSE LEVANTA-
MENTO DE CULTURA ...) - ...era! mas os CPCs estavam mais orga-
nizados, em relação às universidades; em relação às universi-
dades, mas fazia tudo parte do, vamos dizer, o ideal... (EN-
TREV.: PARA O LEVANTAMENTO DA PESQUISA, NÃO É?) - ...era o
mesmo, é! mas isso, no método Paulo Freire, a gente conseguiu
nem fazer. A gente ia começar a fazer e não deu tempo. O que
começou efetivamente na prática, por exemplo, nós os professo-
res, não dávamos aula para os candangos analfabetos; não! quem
dava aula para os próprios candangos, era alguém alfabetizado
do próprio grupo. Por exemplo, as pessoas que tinham... nós
fazíamos reuniões e discutimos justamente com esses monitores
das turmas. Então, por exemplo, no dia 31 de março, eu estava
no Gama conduzindo um debate sobre reforma agrária, com um
grupo de monitores do sistema Paulo Freire. Então, o que que
a gente fazia... (ENTREV.: ENTÃO, EM MARÇO DE 64, VOCÊ ESTAVA NO
GAMA, DANDO AULA PARA REFORMA AGRÁRIA?) - ...é! quer dizer,
não era assim, dando aula, nós estávamos dinamizando um grupo
de reforma agrária, porque também eu não era, eu não sou espe-
cialista em agricultura, mas é claro que nós tínhamos isso co-
mo... a reforma agrária era, vamos dizer, um dos nossos ideais,
que era uma necessidade para o Brasil, que existisse a refor-
ma agrária. Então, você discutia, entendeu? o que é, o que
essas idéias, que até hoje você vê na televisão, que vai pe-
gar a terra de todo mundo, vai pegar o apartamento e vai ti-
rar o que você tem dentro e vai dar para o outro. Essas coi-

sas que sempre a classe dominante fez para impedir que acontecesse alguma transformação. Então, você vai para um grupo e ele te levanta esse tipo de questão, que pode ser levantada na sala de aula e você dá elementos técnicos. Eu, como professora e estava com outro dinamizador; esse sim, era um agrônomo especialista em reforma agrária. Então, a gente conversa com aquele grupo, levanta e você tira as suas dúvidas também, porque você não domina todos os assuntos, você tem as suas

dúvidas, mas isso, quando é posto numa mesa de uma forma jogada limpa, você reformula, você é capaz. E essa dinamização, é que os monitores tinham todos os assuntos e eles, então, é que alfabetizavam. Agora, nós tínhamos o curso do sistema Paulo Freire. A palavra geradora em Brasília era: "Tijolo", porque, essencialmente, os analfabetos eram da construção civil. Então, é claro, você quando apresenta, era visual; quando você apresenta o tijolo, você não precisa explicar o que é o tijolo, porque todo mundo conhece o tijolo. Então, aí você tem o: "TI-JO-LO" e depois, as palavras geradoras do tijolo. E não era o tijolo em si, não eram as palavras em si, mas era a própria consciência da construção e do papel importante que aquele operário detinha na própria construção da cidade. Isso, em resumo, é a assência do método Paulo Freire.

PERG.: QUEM FORMOU VOCÊS AQUI, QUEM COORDENAVA AQUI?

RESP.: A coordenação era feita pelo sistema Paulo Freire, do MEC e os cursos, eu me lembro de ter feito na universidade e quem veio dar o curso assim... (ENTREV.: COORDENAÇÃO?) - ...de coordenação do sistema Paulo Freire veio de Pernambuco, já que o método já tinha sido começado em Pernambuco. Então, o da - qui... agora, então, nós tínhamos era um projetor de slides; o sistema era basicamente isso: um projetor de slides, daque-

PERG.: E QUANTO À ALFABETIZAÇÃO, FUNCIONAVA?

RESP.: Maravilhosamente bem, maravilhosamente bem! Era bonito, era emocionante você chegar numa classe de alfabetização do sistema Paulo Freire, porque os adultos não estavam idiotizados. Era essa a consciência, porque você pensa bem, quando o método... qual era a cartilha antiga? começava geralmente com: "Ivo vê a uva", não é? ora, a "uva", uma fruta que não tem a menor afinidade, porque sempre foi uma coisa cara; a gente sabe, não é? (ENTREV.: COMO O NATAL!) (RISOS) - É! é de poucas regiões, não é? e realmente o adulto ficar... quer dizer, um adulto que tem consciência e que tem formação, ficar repetindo aquele: "Ivo vê a uva; Ivo vê titia; titia..." porque aí eram as palavras geradoras; quer dizer, não chamava palavras geradoras, mas derivadas daquelas sílabas. Ou então, ficar decorando as vogais: A-E-I-O-U, num contexto isolado e as consoantes no outro contexto. E o método Paulo Freire não; ele vinha daquela coisa da vivência e sempre; e então, ele aprendia através da sílabação, ele via o objeto, ele depois conscientizava a formação. Então, do tijolo, ele via quais as outras palavras; quer dizer, era motivado a formar outras palavras, mesmo que ele não soubesse escrevê-las ainda, mas ele sabia... (ENTREV.: SÓ UM MINUTO RENÉE!)

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA II, REFERENTE A ENTREVISTA COM A PROFESSORA RENÉE SIMAS.

.BSB / 05.03.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.

(QNN 40 CJ "F" CS 01 - CEILÂNDIA/DF. - TEL. 376 4167 "recado")